



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 15, nº. 2, julho-dezembro, 2018, p.148-163  
DOI: 10.23925/1809-8428.2018v15i2p148-163

## NATUREZA E DEMIURGIA EM GUIMARÃES ROSA: UMA LEITURA PEIRCIANA DO CONTO A TERCEIRA MARGEM DO RIO

**Maria Aparecida dos Anjos Carvalho**

Programa de Doutorado em Filosofia -PUC-SP  
e-mail: [anhos1970@hotmail.com](mailto:anhos1970@hotmail.com)

**Resumo:** Pretende-se, no presente ensaio, aplicar as categorias da experiência do filósofo Charles Sanders Peirce à leitura e significação do conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, em conjunto com o aparato teórico de autores como Ernst Cassirer, James Bunn, e outros. Estes autores sublinham a fundamental importância da apreensão dos sentimentos, configurados na obra de arte, em consonância com a categoria da Primeiridade, no pensamento de Peirce, que é o Universo, dentro do qual os sentimentos são os responsáveis pelas possibilidades de criação, em todos os sentidos.

**Palavras-Chave:** Primeiridade. Rio. Pregnância simbólica. Metanóia.

### **NATURE AND DEMIURGY IN GUIMARÃES ROSA: A PEIRCEAN REVIEW OF THE SHORT STORY THE THIRD RIVERBANK**

**Abstract:** *This article aims to analyze the short story The Third Riverbank, written by Guimarães Rosa, through the categories of experience, which were exposed in the philosophy of Charles Sanders Peirce, and through the conceptual apparatus, developed by authors like Ernst Cassirer, James Bunn, and others. These authors have given fundamental importance to the feelings apprehension, that are expressed in the art; for this reason, they are in harmony with the First Category, in Peirce's thought, that is the Universe in which feelings are responsible for the possibilities of creation, in all the senses.*

**Keywords:** *Firstness. River. Symbolic pregnancy. Metanoia.*

\* \* \*

## INTRODUÇÃO

Entre em seu veleiro de devaneio, desatraque em seu lago de pensamento, e deixe a inspiração do céu inflar sua vela.

(Charles Sanders Peirce – *Um argumento negligenciado para a realidade de Deus*)

Em um texto de 1908 – *Um argumento negligenciado para a realidade de Deus*<sup>1</sup> – o lógico Charles Sanders Peirce assevera que não haveria outro tipo de pensamento que ele mais desencorajasse ao devaneador, do que o raciocínio analítico, por sua... fertilidade restrita. O Devaneio – que ele chama de Puro Jogo, assim mesmo, com letras capitais – é aqui guindado à posição de um estado mental heurístico, por exemplo, quando ocorre a contemplação de algum fenômeno que seduz pela estesia, ou quando a mente se coloca em estado passivo, pondo ao largo, qualquer propósito sério. Há, pois, no devaneio, um caráter lúdico, onde a renúncia ao controle do fluxo da consciência deixa-a livre para flunar, adentrando, assim, camadas de maior potencial criador.

O devanear é, portanto, momento essencial na gênese das ideias. Como Puro Jogo, é o vívido exercício das forças de alguém, não submetida a qualquer regra, a não ser à entrega à lei da liberdade.<sup>2</sup>

Esse estado – que se desenvolve, na interioridade da mente – é aquele que mantém laços de simetria com a interioridade do mundo. Já temos, então, os contornos da categoria da Primeiridade, em Peirce: há uma primeiridade que está circunscrita à interioridade de todos os elementos singulares do Universo, e que se entretece com a Primeiridade Primordial – uma Mente descorporificada e inconsciente, que poderia ser chamada de Deus, dentro da qual as mais amplas possibilidades combinatórias estão livres e expostas ao exercício da mente. A genialidade de Peirce não se prestaria, portanto, a discutir a *existência* de Deus, já que descabe falar de existência, como propriedade de um ser que não é fenomênico; em Peirce, a *realidade* (que não se confunde com existência) de Deus se impõe, na qualidade de um ente logicamente necessário, porque concebível, como sendo aquele que vai se manifestando, concomitantemente à ordenação do Universo. Deus não poderia, assim, ser substantivado a partir do participio do verbo criar (criado/criador) – já que não é um processo perfeito e acabado, mas um fluxo dinâmico e permanente de criação. Bem se poderia traduzir a ideia de Deus, em Peirce, a partir da substantivação do gerúndio: Deus é um Ser “Criando”.

Nesse mesmo sentido, podemos citar Cassiano Terra Rodrigues:

Nessa medida, a idéia de um *Ens Necessarium* é definida como se fosse equivalente à de um *Ens Realissimum*. Em outras palavras, não é possível conhecer Deus em si mesmo, mas tão-somente à medida que Deus for Ser, à medida que Deus pertencer à Realidade. Só temos a noção da Realidade de um tal Ser Divino quando nos apercebemos da necessidade do ordenamento dos Universos em que vivemos, quando chegamos a saber não ser possível que cada fato, cada coisa, cada ente seja somente por si e para si mesmo, que

---

<sup>1</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *A neglected argument for the reality of God*. In *Selected Writings: Values in a Universe of Chance*. New York: Dover Publications, 1966, p.358-379

<sup>2</sup> Ibidem, p. 360

tenha um fim em si mesmo sem relação com a totalidade de tudo o que é.<sup>3</sup>

O budismo denomina como *quiescência meditativa* a este estado da mente que se coloca em sintonia com a força interior que tangencia a Inteligência Universal – algo que, por induzir estados de paz e tranquilidade, abre espaço para que novas ideias emergem da interioridade<sup>4</sup>.

A própria ciência, atualmente, pode nos dar vários testemunhos quanto às potencialidades heurísticas da contemplação, tal como Oliver Sacks o faz, em seu último livro, antes de falecer em 2015 – *O rio da consciência*. Nele, Sacks relata, entre outros casos muito interessantes, o do matemático Henri Poincaré que, não raro, quando estava a braços com problemas matemáticos, singularmente intrincados, vinha-lhe, de súbito, a solução, exatamente, nos momentos em que sua consciência estava em estado crepuscular. Em uma dessas ocasiões, quando ainda não estava, de todo, acordado, ele viu as ideias, em movimento, como se fossem moléculas, colidindo ou emparelhando-se umas com as outras, como a formar ideias mais complexas.<sup>5</sup>

Quando Peirce se refere ao argumento negligenciado, é àquele que deixou de ser relatado pelos teólogos, enquanto vivências deles próprios, tomados pela beleza de uma dada experiência, em um momento contemplativo; esse argumento pressupõe um anterior – o “argumento humilde” :aquele que valoriza os estados da mente durante os momentos de puro instinto, tal como existe nos animais, e tal como está acessível a qualquer humano, sincero em sua busca – ainda que desprovido de conhecimentos e de mente lógica treinada.

Durante sua vida de trabalho, como cientista experimental, em laboratório, Peirce não teve, em alta conta, a imersão nos próprios sentimentos, sendo antes de tudo, um lógico, cultor da racionalidade objetiva. Apenas, na fase final de sua vida, quando graves problemas de saúde – sua e de sua mulher – e quando severas restrições de ordem material começaram a atormentá-lo, é que se pode dizer que ocorreu um câmbio em seu espírito. Marcado, principalmente, por uma experiência mística, havida por volta de 1892, na Igreja de São Tomás, em Nova York – onde a ele, se afigurou haver recebido uma mensagem espiritual, acerca de sua própria existência – Peirce começa, a partir de então, a dar importância ao trato de outros temas filosóficos, ligados à ética e à estética.<sup>6</sup>

Segundo Sara Barrena, Peirce reconcilia-se com a manifestação dos seus sentimentos em 1893, em um artigo que ele chamou de *Amor Evolutivo*, afirmando que seria de se “*ter um grande respeito pelos juízos naturais do coração sensível; (...) rogo ao leitor que considere se, condená-los, não seria a mais degradante das*

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Cassiano Terra. *Charles Sanders Peirce – um argumento negligenciado para a realidade de Deus – Tradução e Apresentação: O encantamento da Musa*. In *Cognitio: revista de filosofia*, São Paulo: PUC-SP, n. 1, v. 4, p. 87-97, jan.-jun. 2003.

<sup>4</sup> WALLACE, Alan E. *Budismo Tibetano: abordagem prática de seus fundamentos para a vida moderna*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p.126

<sup>5</sup> SACKS, Oliver. *O rio da consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2017, p. 109.

<sup>6</sup> BARRENA, Sara. *La beleza en Chales S. Peirce: Origen y alcance de sus ideas estéticas*. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra S.A., 2015, p.104-105

*blasfêmias*”.<sup>7</sup> Nesse texto, Peirce traz o conceito do *agapismo* – no sentido de que tudo, no Universo, busca o aperfeiçoamento e a evolução. É o agapismo o responsável pela complexificação e crescimento das ideias e das manifestações fenomênicas, no mundo que, por uma espécie de *afinidade eletiva* – como diria Goethe – vão se compondo, como se houvesse uma atração com fito a atender a algum fim desejável em si mesmo, e por isso, amado.<sup>8</sup>

É com este Peirce – reconciliado com os juízos naturais do coração – que pretendo fazer a leitura do conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa.

Como se irá demonstrar, a Primeiridade – como categoria da experiência que envolve os conteúdos da interioridade dos elementos – é aquela que faz florescer a narrativa, na obra literária, em pauta, criando uma rica estrutura simbólica, aberta à pluralidade heurística de teias de significância.

A obra de arte, por excelência, carrega esse papel de desafiar as semioses ordinárias, parecendo um *irromper vulcânico* da mente criadora do Universo, dentro da alma permeável do artista. Por isso, analisar uma obra de arte exige que o receptor coloque-se em sintonia com esse fluxo criador, convocando, dentro de si mesmo, o repertório de signos dormentes, acumulados e introjetados, coletivamente, ao longo de toda a história do mundo, como se todas as teias relacionais semióticas, já produzidas, houvessem deixado, em nós, um *foot print* que nos fizesse aceno, para ser ressignificado, em algum momento.

JAMES BUNN – referido por Robert E. Innes, em seu texto *Dimensions of an Aesthetic Encounter* – é o autor de uma teoria, extremamente sedutora, no que tange à simetria existente entre os padrões de ritmo, medida e tempo, que embasam as estruturas constitutivas da física e da biologia, com aquelas que são encontradas nas obras de arte, às vezes, mimetizando-as, às vezes, contrastando-as de forma estranha e maravilhosa, caracterizando, portanto, uma recriação. Cito James Bunn:

[...] esta teoria da simetria pode explicar porque as artes não são apenas um “algo mais”, mas como elas podem demonstrar, em diferentes linguagens artísticas, e por via de diferentes performances, as formas pelas quais o mundo funciona, move-se e estabiliza-se, a si mesmo, em ritmos. O que eu chamei de ***sintaxe natural*** é o caminho para descrever essas transformações físicas dos padrões.<sup>9</sup>

Essas transformações físicas dos padrões, que intrigam James Bunn, e integram o seu conceito de ***sintaxe natural***, dizem respeito aos deslocamentos semânticos dos signos, dentro da obra de arte, em relação à sua utilização ordinária, e que produzem o efeito de um elemento disruptivo, no plano do mundo redundante e repetitivo, da segundidade – como poderia aduzir Peirce. Produz-se, assim, um

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 114

<sup>8</sup> Também Leibniz sustentaria ideia similar, podendo ser trazido, como exemplo, o parágrafo 66 da *Monadologia*, onde ele afirma que “(...) há um mundo de criaturas, de viventes, de Animais, de Enteléquias, de Almas, nas mínimas partes da matéria”.

<sup>9</sup> BUNN, James. *Wave forms: a natural syntax for rhythmic language*, 2002. Apud INNES, 2007, p. 113-134

*estranhamento* – que é de fundamental importância para dar início ao jogo da arte, porquanto apenas quando o receptor é desafiado a deixar a zona de conforto das semioses regulares e habituais, é que ele se lançará à busca de novos campos relacionais possíveis para os signos, em análise, com fito à construção de uma nova ordem semântica. A transgressão, na sintaxe ordinária do suporte físico da obra de arte, retroagirá, portanto, como raiz da configuração de novos mundos, dentro de um jogo lúdico, onde a *mímesis* da realidade se opera, contra um fundo que busca ressignificações possíveis do vivido. Neste sentido, eu diria que, conotativamente, a função expressiva de um signo, na arte, seria uma função demiúrgica – com isso, já justificando a demiurgia, em Guimarães Rosa, trazida ao título do presente ensaio. Tal demiurgia só se completa quando a obra se encontra vivificada pelo jogo que envolve a expressão de sentimentos intensos e que podem ser compartilhados de *forma intuitiva* – no sentido de que podem ser transmitidos em sua forma mais primordial, mais pura e, por isso mesmo, mais universal, acompanhando Ernst Cassirer:

A esfera da arte é uma esfera das formas puras. Não é um mundo de meras cores, sons, qualidades táteis – mas de formas e desenhos, melodias e ritmos. Em certo sentido, toda arte pode ser considerada como linguagem, mas em um sentido muito específico. Não é uma linguagem de símbolos verbais, mas de símbolos intuitivos. Aquele que não entende esses símbolos intuitivos, que não pode sentir a vida das cores, dos contornos, das estruturas e padrões das formas espaciais, ou as da harmonia e melodia, está excluído da obra de arte – e, por via de consequência, está privado, não apenas do prazer estético, como também perde a experiência de um dos mais profundos aspectos da realidade.<sup>10</sup>

David Maclagan, igualmente referenciado no texto de Robert Innes, sustenta que, se a obra de arte surge como uma estrutura una, sua matriz original é complexa, formada por elementos pré-estruturais, pré-simbólicos, bem como por fatores pré-temáticos. Ou seja: se a obra de arte, em sua fenomenologia, é uma Gestalt, um todo com uma forma, em sua origem mais profunda, há uma não-forma – algo que não surge articuladamente, o que vale dizer, algo que não é racional, mas puro sentimento.<sup>11</sup>

Assim sendo, no presente ensaio, estaremos utilizando as categorias da experiência de Peirce, essencialmente, pela via do *scholar* Prof. Dr. Ivo Assad Ibrí, mas também pela via de textos diretos do filósofo e de seus biógrafos, bem como dos autores, estudiosos de estética, todos referenciados ao final.

---

<sup>10</sup> CASSIRER, Ernest, *The Philosophy of Symbolic Forms*, 1979. Apud INNES, 2007, p. 113-134

<sup>11</sup> MACLAGAN, David. *Psychological Aesthetics: Painting, feeling and making sense*. London: Jessica Kingsley, 2001. Apud INNES, 2007, p. 113-134

## A TERCEIRA MARGEM DO RIO – PRIMEIRA PARTE – O FENÔMENO DISRUPTIVO: A DECISÃO DO PAI

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.<sup>12</sup>

Nesta primeira parte do conto, temos a apresentação dos personagens e do evento que dá ensejo à narrativa. O pai, que sempre fora homem cumpridor dos seus deveres, ordeiro e positivo, um dia, toma uma decisão inusitada: manda fazer para si uma canoa que, pelas características encomendadas, já prenunciava que era para durar muito tempo. O personagem-narrador, que é um dos filhos, descreve o pai como sendo alguém **quieto** – mas não triste. Este ser quieto, mas não triste, já afastaria, a meu ver, uma leitura que tornasse nuclear um problema de ordem psiquiátrica do pai; ou seja, suas motivações estariam para além do puramente subjetivo. Arriscaria dizer que o 'ser quieto' do pai aponta para um signo: o de alguém que está em diálogo interior quanto à validade da vida do acontecer, no mundo da sucessão dos eventos, da exterioridade. O pai está situado, essencialmente, na primeiridade, como diria Peirce – uma primeiridade que clama por um retorno à Primeiridade Primordial. É alguém que, de alguma forma, anseia, em silêncio, por um sentido que não é o de ser reconhecido, entre os seus pares, como ordeiro, positivo e cumpridor dos seus deveres. O rio – *grande, fundo, calado que sempre* – mantém laços de afinidade com o jeito de ser do pai – este ser calado e profundo, que não se revela por palavras, por inúteis que são, para expressar o

---

<sup>12</sup> ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p.67-72

seu sentir. O rio – grande, fundo, calado que sempre – diante da insuficiência das palavras, é guindado, aqui, à categoria de semema, com função conotativa – valendo-me do aparato teórico de Umberto Eco<sup>13</sup>.

O rio é um elemento da natureza que flui. Desde Heráclito, é um semema universal que traz, como imagem, aquilo que não tem permanência, aquilo que é movente, por natureza, cujo destino é a fusão com as águas do vasto oceano. Portanto, é um signo que pode ser lido, em uma chave de dimensões simbólicas que se entrecruzam com toda a tradição da história das ideias.

Por outro lado, a atitude do pai introduziu, nos hábitos da família uma descontinuidade, um estranhamento. Algo na previsibilidade daquela rotina sofreu um evento disruptivo: a decisão do pai, sem explicação e sem palavras. Para a família, o evento se desvelou como objeto, como oposição – segundidade, no dizer de Peirce. Diante da admoestação da mãe, o pai, no entanto, suspendeu a resposta: o pai não cede ao retorno ao universo da segundidade. A reação da família já não se coloca, para ele, como algo que precise de mediação, porque na sua interioridade, há uma certeza que dá sentido à sua atitude, mas que seria inútil explicar. Observe-se que a renúncia do pai é a renúncia de um místico: ele *não pegou matula, nem trouxe, pôs benção ao filho e nada mais disse*. Entrou na canoa, desamarrou-a, e esta foi deslizando pelo rio como um jacaré, comprida e longa – momento em que a identificação do homem - que renuncia ao mundo exterior – com a natureza (ou o cosmos) se presentifica, em metáfora.

Como alguém que houvesse retornado ao sem-tempo, ao Uno, o pai operou, simbolicamente, a sua *metanóia*.

## **A FAMÍLIA: UM LUTO DIFERENTE – A DIFÍCIL MEDIAÇÃO COM O ‘SEM NOME’**

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas – passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda – descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa. No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer

---

<sup>13</sup> ECO, Umberto. *Tratado Geral da Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.74.

para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspensa no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava. Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima'. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele. A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para



ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: – "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Nesta segunda parte do conto, acompanhamos como se fôssemos vizinhos da família, a forma pela qual desenvolveu-se o seu lidar com o fato. O pai não voltou mais. Nunca mais pisou em terra firme. Nunca mais disse palavra. Mas também não se foi, deixando-se ficar rio acima e rio abaixo: a terceira margem. A família tentou demovê-lo da ideia, os vizinhos comentavam, sussurravam possíveis causas; então, a família passou a deixar alimentos em tocos, nas margens – dos quais o pai se servia apenas de um quase. A irmã casou. Teve um menino. Quis ir ao rio para mostrar o neto ao avô – que não apareceu. A família chorou. O pai rechaçava o contato, mas não se afastava daquele pedaço de rio. *Por que, então, não descia, não se ia para o não-encontrável?* A mediação da família, em relação ao fato, era a mediação de um quase-luto: o pai já não estava mais lá, como sempre estivera. Aquele pai havia morrido. Havia ficado um outro que, com sua *hecceidade*, ou seja, com suas propriedades personalíssimas, guardava, no entanto, um apelo, um dedo apontado para um plano que ainda não podia ser entendido, mas que era o responsável pela liga indissolúvel que era mantida com a família, ainda que pelo viés da pura interioridade, regida pelo *kairós* – por um tempo interior.<sup>14</sup> A família, como representante da segundidade, não tinha recursos de mediação, com o 'sem nome', criado pelo pai – e aqui estamos nos valendo do aparato teórico de Ivo Assad Ibri<sup>15</sup>, acerca das categorias de Peirce.

A epifania estará no próximo ato.

---

<sup>14</sup> IBRI, Ivo Assad. *The Double Face of Habits – Time and timeless in Pragmatic Experience*. *Rivista di Storia della Filosofia*, Milano, Italia, no. 03, 2017, p 455-474.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 455-474

## O RIO – O FLUXO – O *CONTINUUM*: A COMUNHÃO COM O ETERNO FLUIR

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio, no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o desmoronamento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia. Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "*Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...*" E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte,

peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e ,eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Nesta última parte do conto, já somos velhas testemunhas do fato ocorrido. A irmã se mudou para longe. O irmão saiu da cidade. A mãe foi morar com a filha. Os *tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos*. Apenas o narrador-personagem permaneceu, e já lhe começavam a apontar os primeiros cabelos brancos. *Essa vida é só desmoronamento*. E, então, a decisão do filho: oferecer-se para substituir o pai na canoa. Foi à margem. Chamou. Gritou. Ofereceu-se. Para surpresa do filho, o pai acenou e concordou. Mas, tendo a impressão que o pai vinha do além, apavorou-se e fugiu. A culpa lhe fez morada na alma.

No entanto, não se trata de uma culpa pessoal, de alguém que falhou em uma relação intersubjetiva. A culpa do personagem-narrador foi a de não ter conseguido compreender a metáfora do próprio existir, que lhe oferecia o bastão, convidando-o para *não abreviar com a vida, nos rasos do mundo*. A concordância do pai, em ser substituído na canoa, era o simbólico e silencioso convite para uma reflexão sobre o sentido de tudo o que é filho da impermanência, no *continuum* do tempo, na redundância dos eventos, em um mero hábito de existir. Vários elementos simbólicos podem sustentar uma tal interpretação. A recusa da ilusória solidez das margens, pelo pai, ou seja, a recusa das escolhas inúteis, no universo da segundidade, onde se buscam certezas efêmeras e verdades provisórias, no território do devir inexorável. Estar em terra firme, casar, ter filhos, gerenciar a fazenda, é prova de maior lucidez do que abandonar tudo e viver o simbólico do fluxo? Apenas o próprio leito do rio, em seu *pondo perpétuo*, é margem consistente para aportar. Somente aquilo que não tem parada, que é fluxo contínuo, que se cria e se recria a cada instante é duração. Na massa líquida do rio, não existem gotas particulares: cada gota é um elemento destacável e virtual, em relação ao todo, mas sem contornos definidos que justifiquem a ideia de um ente particular. Assim como um filho é, a rigor, um elemento destacável e virtual, em relação às cadeias geracionais, na massa do *continuum* do tempo. Estar no rio é estar em comunhão com o único eterno possível, nesse plano: o próprio fluir. Quanto mais o pai se afastava da vida de escolhas, no universo da segundidade, mais parecido ele se tornava com um animal, um ser da natureza, não cultivado, produto do puro brotar da primeiridade do mundo, sem os enganos das falsas escolhas. O filho, a rigor, permaneceu em uma *quarta margem, em suspenso*: nem aceitou o regramento da segundidade, nem, de fato, fez uma opção consciente por rejeitar esse regramento, *indo além dos rasos do mundo*. O personagem-narrador permaneceu, apenas, narrador da história, sem ter feito qualquer escolha, aprisionado no episódio disruptivo da escolha do pai, e sem recursos para operar *a sua própria metanóia*. E no seu lamento, por ter falhado em atender a esse apelo para um adensamento metafísico, ele formula um pedido subsidiário, compensatório de sua falta de coragem, ansiando por que haja, ainda, como amalgamar-se conscientemente ao puro fluir do Todo, representado pelo rio: *e eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro... o rio*:

Sou homem, depois desse falimento? *Sou o que não foi, o que vai ficar calado*. Sei que agora é tarde, *e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo*. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte,

peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada,  
nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a  
fora, rio a dentro — o rio.

## TESES DE EXTRAÇÃO ESQUEMATIZADAS:

Vamos tentar compilar as possíveis teses resultantes da análise do conto em pauta:

- 1- As categorias da experiência de Peirce são perfeitamente aplicáveis à mediação de uma leitura possível, do conto de Guimarães Rosa. O mundo interno do pai anseia pelo retorno à Primeiridade Universal, negando as mediações ordinárias, do universo da Segundidade.
- 2- O rio é um semema de caráter conotativo, associado à impermanência, ao fluir eterno de tudo o que é contingente. O rio, como terceira margem, é o signo que nega a solidez ilusória das outras duas – que remetem às escolhas duais, operadas no universo da segundidade: ficar ou ir embora, casar ou não casar, cuidar da fazenda ou ir para a cidade. O rio é, portanto, o grande personagem do conto, uma vez que ele é o responsável pelo deslocamento semântico, que cria a sintaxe do texto e seu estranhamento.
- 3- A estrutura do texto de Guimarães atinge seu desiderato, através de: a) linguagem confessional, como uma fala terapêutica; o narrador-personagem tenta exorcizar sua dor de viver, narrando o evento que dividiu sua vida em um AC-DC. b) o fato narrado, por ser insólito e disruptivo, criou o estranhamento: trata-se de uma singularidade que rompeu o *continuum* das redundâncias da vida ordinária. Os elementos da família, *mais próximos dos rasos da vida*, com o tempo, assimilaram a decisão do pai como um novo hábito, e tocaram em frente, fazendo suas escolhas, na contingência. O personagem-narrador, no entanto, ficou retido no *sem nome*<sup>16</sup> da decisão do pai; carente de recursos próprios para operar sua *metanóia*, acabou por ficar em suspenso, em uma quarta margem: nem aceitou o regramento da vida contingente, nem teve a coragem para rejeitá-lo de forma consciente, fazendo apenas um pedido subsidiário para a hora de sua morte: que **o coloquem** também em “*uma canoinha, para que ele vá rio abaixo, rio afora, rio a dentro, e venha a ser, finalmente, o rio*” - mas isso não será uma decisão dele próprio. Que a vida o faça por si, e ele aceitará ser um elo passivo dessa corrente.
- 4- O ritmo temporal é bastante marcante, no texto: a primeira parte é a narrativa do evento; a segunda parte, a forma como todos lidaram com o fato disruptivo; a terceira parte, o fato, já feito hábito ou ferida incurável.
- 5- A maestria da linguagem de Guimarães Rosa está em tocar tantas bolhas simbólicas, em termos de significado, fazendo uso de um registro da língua que, não apenas mimetiza a simplicidade dos personagens do sertão, mas cria uma

---

<sup>16</sup> IBRI, Ivo Assad. *The Double Face of Habits – Time and timeless in Pragmatic Experience*. *Rivista di Storia della Filosofia*, Milano, Italia, no. 03, 2017, p 455-474

*pureza primordial*, que precisa criar o seu próprio jeito de dizer, para expressar a integralidade de suas camadas. A pregnância simbólica dos elementos do texto exige uma forma de expressão toda própria – razão pela qual sustento que há uma função demiúrgica que emana da sua criação.

6- O viver natural, cósmico, é o viver que dispensa palavras e convenções sociais: nele, o vivente cumpre o seu destino, e retorna ao seio do Uno. É o ente que encontra o seu significado, desaparecendo enquanto ente, e

7- tornando-se, apenas, um átomo do Universo.

## CONCLUSÃO

Há uma diferença marcante entre conhecer e significar. O conhecer é linear, lógico, opera relações de antecedente e conseqüente e cria predições para o futuro; corresponderia à categoria da Terceiridade, em Peirce – aquela que norteou sua vida até a experiência mística que lhe ocorreu, em 1892.

O significar, no entanto, exige uma teia relacional mais complexa. Significar é um trabalho da Primeiridade, que se vale de arquétipos, vivências, memórias, símbolos, valores e crenças, além, é claro do acervo de conhecimentos, acumulados pessoal e coletivamente – mas estes, como mais um dos elementos necessários ao diálogo interior, que irá fiar a tapeçaria existencial de cada ente.

E a cada vez que nos dispomos a dar mais um ponto nessa tapeçaria, mobilizamos as forças, igualmente, daqueles que nos são próximos, a fazer o mesmo, como se fora um jogo de móveis, em que vamos *contaminando*, uns aos outros, com uma busca pelo seu papel na arquitetura do conjunto.

Essa comunhão existencial é o próprio manifestar-se do agapismo – esse amor evolutivo que se manifesta desde o heliotropismo, nas plantas, ao ato de significar o seu papel no mundo, para o humano

Guardadas as devidas diferenças, pode-se dizer que haveria uma analogia aproximada do agapismo de Peirce, com o princípio do melhor de Leibniz – que foi tão ridicularizado em seu tempo, por isso. O princípio do melhor, tanto quanto o agapismo, parecem dotar todos os elementos singulares do Universo de uma ressonância, com todos os outros, sempre de uma forma a fazer com que a melhor configuração possa ser extraída, por um trabalho imanente da Inteligência Primordial, que age, convocando as mentes singulares, conscientes ou não, a oferecerem, nas interações do seu diálogo com o mundo, formas que entram em acordos e acordes, com a música do conjunto.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Em várias passagens de sua extensa obra, Leibniz nos deixou o testemunho de sua visão de mundo, como algo resultante, primacialmente, da teia relacional de todos os elementos integrantes do Universo. Esta teia relacional é que responde pela participação da substância, na consumação do projeto divino, espelhando sempre a melhor configuração possível, ainda quando o fato isolado possa ser tido como um mal. É nesse sentido, que sustentamos uma certa analogia com o agapismo, existente na filosofia de Peirce. Podemos mencionar, a título de exemplo, uma passagem do capítulo 9 do *Discurso de Metafísica*, em que ele afirma que *“toda substância é como um mundo inteiro, é como um espelho de Deus, ou de todo o Universo, que cada uma exprime à sua maneira, quase como uma mesma cidade é diversamente representada, segundo as diferentes posições de quem a vê. Assim, o universo está, de certo modo, multiplicado tantas vezes quantas as substâncias existentes, e a glória de Deus está, igualmente, redobrada, por outras tantas representações diferentes de sua obra. Pode-se mesmo dizer que toda substância traz, de algum modo, a marca da*

Em Peirce, surge a novidade da perspectiva evolucionista, coerentemente com seu realismo ontológico, ou seja, é o próprio mundo fenomênico que evolui, em todos os seus aspectos, a partir da plasticidade derivada dessas interações.

Em Leibniz, parece haver uma variedade refratada e simultânea, de um só mundo que se atualizou, a partir das várias perspectivas das mentes singulares (das Mônadas) – lembrando que Leibniz (tanto quanto Peirce) entende que há mente em todo e qualquer elemento do Universo. Em Leibniz, as mônadas nuas são dotadas de apetição – ou seja:

[...] de um ímpeto de autodesenvolvimento, sempre em busca de novas percepções, quer mediante os propósitos conscientes dos seres humanos, quer pelo movimento das pedras sob a força da gravidade.<sup>18</sup>

Mas o que interessa salientar, aqui, é a visão de ambos os filósofos, que não viram as costas ao concerto orquestral que permeia o mundo e, por isso, constitui um Todo.

E que valor entes singulares poderiam ter em um Universo de relações?

Peirce responderia a esta questão, lindamente, nas últimas páginas do texto *Um argumento negligenciado para a realidade de Deus*:

Eu deveria, então, demonstrar [...] que nada tem qualquer valor em si mesmo – seja estético, moral ou científico – senão pelo lugar que ocupa na produção total à qual pertença; e que uma alma individual, com suas pobres agitações e calamidades é um nada, exceto enquanto preencha o seu lugar infinitesimal e aceite sua pequena futilidade, como todo o seu tesouro.<sup>19</sup>

Deve-se dizer que a criação artística – quando toca, de fato, a fonte mais profunda da Primeiridade – é o artefato que opera, com mais candência, estas relações de significância, com o Todo. As costuras das teias semióticas da obra de arte são as que colocam em movimento as rodas plurais das significâncias, compondo, pela tessitura dos sentimentos e emoções que acompanham nossa reatividade ao universo do existente, o desenho das estruturas que se formam na alma e dialogam com as estruturas simétricas do aparente. Tomar conhecimento

---

*sabedoria de Deus, e a imita tanto quanto é capaz*” (p.27). Igualmente, nos *Ensaio de Teodicéia*, no parágrafo 9, ele afirma que “o universo, independentemente de qual ele possa ser, é uma peça inteiriça, como um oceano; o menor movimento expande seu efeito por qualquer que seja a distância, ainda que esse efeito se torne menos sensível à medida em que aumenta a distância; (...) se o menor mal que acontece no mundo deixasse de existir, este não seria mais esse mundo, o qual, todo calculado, todo ponderado, foi considerado o melhor pelo criador que o escolheu” (p. 139).

<sup>18</sup> Esta definição encontra-se no estudo introdutório à *Monadologia*, levada a efeito por Fernando Luis Barreto Gallas e Souza, e publicada pela Editora Hedra.

<sup>19</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *A neglected argument for the reality of God*. In *Selected Writings (Values in a Universe of Chance)*. New York: Dover Publications, 1966, p. 374 ( tradução nossa).

delas, é conhecer-se sob um viés que não pode ser um ser-para-si, mas que precisa assumir o ser-para-outro. O mal, assim, pode vir a ser “*uma das maiores perfeições do Universo*”, já que, na luta contra ele, o humano se compromete a cumprir, exatamente, “*o dever que lhe pesa, e nada mais*”.<sup>20</sup>

Em um Universo, de natureza eminentemente relacional, o singular encontra o seu **locus** enquanto *apenas um* dos elementos dessa arquitetura.

Essa é a grande importância da Primeiridade – em outras palavras, do enriquecimento da vida interior. Só o olhar introspectivo é capaz de enriquecer nossa mediação plural com o mundo e de nos devolver ao nosso real tamanho dentro do Universo, contribuindo para a desconstrução da ideia de ego.

No conto de Rosa que acabamos de analisar, o pai é o elemento que se integrou ao conjunto Universo, pela via simbólica do rio, e inseminou o filho com um desconforto que, se ele não conseguiu resolver, pelo menos sentiu-se tocado – um mal que, de forma enviesada, o obrigou à tentativa de integração do evento disruptivo por toda a vida.

Os dois personagens são, por isso, aqueles que tocaram o tecido do Todo e buscaram – com sucesso ou sem ele – seu lugar nesta estrutura de melodias e ritmos, que chamamos de Cosmos.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- BARRENA, Sara. **La beleza en Chales S. Peirce**: Origen y alcance de sus ideas estéticas. Pamplona: Ediciones Universidade de Navarra S.A., 2015.
- BUNN, James. **Wave forms**: a natural syntax for rhythmic language, 2002. *Apud* INNES, 2007
- CASSIRER, Ernest, **The Philosophy of Symbolic Forms**, 1979. *Apud* INNES, 2007.
- ECO, Umberto. **Tratado Geral da Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- IBRI, Ivo Assad. **Kosmos Noetos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- IBRI, Ivo Assad. The Double Face of Habits – Time and timeless in Pragmatic Experience. **Rivista di Storia della Filosofia**, Milano, Italia, n. 03, 2017, p 455-474.
- LEIBNIZ, G.W. **Discurso de Metafísica**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LEIBNIZ, G.W. **Ensaio de Teodicéia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016
- LEIBNIZ, G.W. **Monadologia**. São Paulo: Hedra, 2009
- MACLAGAN, David. **Psychological Aesthetics**: Painting, feeling and making sense. London: Jessica Kingsley, 2001. *Apud* INNES, 2007.

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.374

PEIRCE, Charles Sanders. **Selected Writings**: Values in a Universe of Chance. New York: Dover Publicashion [ 1966].

RODRIGUES, Cassiano Terra. Charles Sanders Peirce – um argumento negligenciado para a realidade de Deus – *Tradução e Apresentação: O encantamento da Musa*. In **Cognitio** - revista de filosofia. São Paulo: PUC-SP, n. 1, v. 4, p. 87-97, jan.-jun. 2003.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 67-72.

SACKS, Oliver. **O rio da consciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2017

WALLACE, Alan E. **Budismo Tibetano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016